
NOTA DE ABERTURA / EDITORIAL

Nota de abertura

O ano de 2002 foi um ano bastante positivo para o projecto Revista Portuguesa de Ciência das Religiões. Ano de arranque, com dois números saídos do prelo, 2003 apresentou-se-nos como a possibilidade de consolidar o que se apresentou nesses dois volumes.

De facto, e tudo se deve graças a uma vasta e empenhada equipe de trabalho que passa pela redacção, pelos colaboradores, pelos serviços de marketing da universidade que continuam a pôr o seu melhor na apresentação gráfica, pelo excelente trabalho de paginação, recebemos os mais inesperados votos pela edição desta publicação.

Sinónimo desta situação está o facto de, aquando da preparação deste volume, se nos apresentarem artigos em muito maior quantidade que o esperado. A situação obrigou-nos a uma solução de recurso: publicar quase tudo agora para não perder actualidade e interesse científico, adoptando o formato de número duplo, visto que este que agora apresentamos tem quase o dobro das páginas do que seria de esperar.

Paulo Mendes Pinto

Alfredo Teixeira

*Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias
em Ciência das Religiões*

Assim, para além de uma secção livre em que se apresentam diversos artigos, este volume tem dois *dossiers*: 1) Música e imaginários religiosos, que ainda apresenta, quase em forma anexa, uma obra original de um compositor contemporâneo que muito agradecemos, Eurico Carrapatoso; 2) *In Memoriam*: o Museu de Bagdad, reunindo cerca de uma dezena de textos de destacadas figuras da museologia, do património e da arqueologia portuguesas.

Publica-se ainda um longo texto de uma teóloga, Joan D. Chittister. Trata-se de uma conferência acolhida pelo Centro de Estudos em Ciência das Religiões aquando do Dia de Oração pela Ordenação Feminina. Não sendo a teologia confessional nem a apologética o nosso campo de trabalho, pela forma periférica que esta reflexão inevitavelmente tem, decidimos publicar o texto que daí re-sultou.

Trata-se de um volume que entra numa salutar e assumida ruptura em relação aos anteriores, abordando um conjunto de temáticas totalmente novas nas nossas páginas.

Também totalmente nova é a primeira parte da nossa «Estante», editando textos que partem da leitura de livros para concretizar ideias numa profundidade e interesse que vai além da tradicional recensão. A este formato damos o nome de «Notas de Leitura». Obviamente, está secundado pelas tradicionais recensões e informações bibliográficas.

Ciência das Religiões

Elementos para definição de uma área de conhecimento

*O século XIX viu
nascer uma
História das Religiões
autónoma,
quer da História,
quer da Teologia.
O seu objectivo
era o estudo comparado
das diferentes
tradições religiosas
da humanidade.
A base desta nova
ciência do humano
encontrava-se
nos embriões
de outras nascentes
ciências,
como a Linguística,
a Antropologia Cultural, a
Psicologia
e a Sociologia.*

Paulo Mendes Pinto

*Universidade Lusófona
de Humanidades
e Tecnologias*

É difícil conotar um significado preciso à expressão «verdade científica». Assim o significado da palavra «verdade» varia segundo se lida com um facto experimental, uma proposição matemática ou uma teoria científica. A frase «verdade religiosa» não me comunica nenhum significado certo.

[...] É certo que, por trás de todo o trabalho científico de nível superior, subjaz uma convicção - idêntica a um sentimento religioso - da racionalidade ou inteligibilidade do mundo.

Esta crença firme, uma crença ligada a um sentimento profundo da existência de um espírito superior que se revela no mundo da experiência, representa a minha concepção de Deus.

Albert EINSTEIN, *Sobre a Verdade Científica*.

O campo universitário (em especial a Linguística e a História) foi o que mais cedo se abriu ao estudo científico das religiões. Esse aparecimento muito deve a um conjunto de novas visões dos Textos Sagrados que surge no século XIX em alguns meios culturais mais dinâmicos. Trata-se de um longo processo em que os textos antigos foram totalmente revisitados, equacionando-se a sua génese e a sua autoria.

Nesta nova leitura e enquadramento – que incluiu os textos tradicionalmente atribuídos a Moisés (o Pentateuco), entre outros – a marca de inovação reside no fim do paradigma que tomava os conteúdos desses textos num sentido literal; uma literacidade que era cada vez mais relativizada e posta em causa pelos avanços, quer da Crítica Textual e Literária, quer das

Ciência Naturais, Geologia e Biologia, que lançavam novas bases para o conhecimento da antiguidade do Homem, da Terra e do Mundo.

Toda a necessidade de confronto entre a(s) tradição(ões) cristã(s) e as restantes formas de saber agora visíveis, quer sejam os novos dados científicos quer sejam as tradições culturais e religiosas exteriores ao cristianismo, criou uma profunda dinâmica de investigação, tradução e teorização no campo da compreensão, da comparação e da relativização dos fenómenos religiosos.

Um passo fundamental foi dado pelas chamadas «Vidas de Jesus» – biografias que tomavam o criador do cristianismo na sua dimensão histórica –, um modelo literário relativamente em voga na segunda metade do século XIX. Antes, em 1785, já Hegel redigira uma *Vida de Jesus* que seria descoberta apenas em 1907; Mas o ponto alto deste estilo encontra-se, efectivamente, na obra de Renan, *La Vie de Jésus*, de 1863, que lhe custaria o seu lugar no Collège de France.

Ao jeito comteano de fragmentação das ciências, o meio do século XIX viu nascer uma História das Religiões autónoma, quer da História, quer da Teologia. O seu objectivo era o estudo comparado das diferentes tradições religiosas da humanidade. A base desta nova ciência do humano encontrava-se nos embriões de outras nascentes ciências, como a Linguística, a Antropologia Cultural, a Psicologia e a Sociologia.

Desta forma, a História das Religiões afirmou-se mais que por uma metodologia de trabalho própria, por uma reunião de metodologias diversas sobre um mesmo objecto.

A *Ciência da Religião*, como surge grafada numa das primeiras obras que o século XIX criou sobre mitologia comparada – em que Max Müller usou o termo «Religioswissenschaft», rapidamente traduzido para as línguas latina como «Ciência da Religião» (Max MÜLLER – *La Science de la Religion*. Paris: Librairie Germer Baillière, 1873) – surgia claramente numa acepção iluminista do saber, flanquada e validada por um largo grupo de conhecimentos que na Ciência da Religião tinham um observatório válido e supostamente eficaz para a análise científica das religiões.

Nascida no campo da rejeição às suas antecessoras, a Filosofia e, em especial, a Teologia, a Ciência da Religião tinha enforme conceptual positivista e era, acima de tudo, apologética e cientifista. O estudo científico apresentava francas bases apriorísticas: ou procurava demonstrar a superioridade do cristianismo face às restantes religiões, ou almejava exactamente o oposto, demonstrando as faces perniciosas da religião, no seu geral, e do cristianismo, de forma mais específica.

O sentido cientifista das explicações tinha como modelo teórico o da evolução científica em que às formas religiosas se faziam corresponder níveis de evolução diferentes numa lógica cronológico-axial: as «formas elementares», os «princípios germinais» e as «formas acabadas».

Max Müller é claro ao apontar os objectivos da sua obra, nomeadamente na abertura do capítulo com o título já sugestivo «De L'Interprétation des Religions Anciennes»: *J'ai désiré surtout vous faire voir en quel sens une étude vraiment scientifique de la religion est possible, de quels matériaux nous disposons pour arriver à une connaissance sérieuse des principales religions du monde, et les principes d'après lesquels ces religions peuvent être classées* – a classificação e a ordenação qualitativa dos fenómenos religiosos é, nessa época, o centro da disciplina histórica.

Nos finais do século XIX o modelo positivista vigente é posto em causa. À disciplina inglesa e francesa sobrepõe-se a alemã; isto é, a uma tradição cultural impregnada de empirismo e iluminismo e herdeira do programa que David Hume sintetizou tão bem na expressão «Estudo da Natureza Humana», impõe-se a *Religionswissenschaft*, cuja componente vocabular *Wissenschaft* é claramente descendente da noção de ciência leibniziana e filha das *Geisteswissenschaft*, as «Ciências do Espírito» fundadas por Dilthey, em oposição aos modelos das Ciências da Natureza.

O confronto epistemológico então montado centrava-se no binómio *explicar/compreender* a religião. A estas formas de caracterizar a disciplina correspondem duas relações totalmente diferentes com as restantes ciências e com a própria concepção de ciência. No primeiro caso estamos perante a linha científica herdeira da tradição iluminista e positivista que tem como modelo as Ciências Naturais onde a explicação é o objectivo da construção do saber; no segundo caso, é a tradição científica alemã a marcar a forma de concepção da própria disciplina, possibilitando um espaço próprio para os fenómenos espirituais demarcados dos fenómenos naturais.

O modelo assente na explicação (*Erklären*) fundamenta-se em duas premissas face ao objecto de estudo:

- a religião, tomada como distinta do objecto da fé, é uma manifestação antropológica e histórica que pode, como qualquer fenómeno humano, ser analisada; a fé não é, nem pode ser, o objecto desta pesquisa porque a sua própria natureza a torna inacessível a uma pesquisa empírica;
- a religião, tal como qualquer outro fenómeno humano analisável empiricamente, possui uma estrutura própria; desta forma, essa estrutura pode ser decomposta e reagrupada em grupos mais elementares – a esta forma de desvendar os fenómenos religiosos corresponde uma «verdade» que pode ser revelada ao ritmo da simplificação dos fenómenos em causa, ao ritmo da descoberta das suas formas elementares.

À *Erklären* opõe-se a *Verstehen*, a compreensão. Segundo uma célebre frase de Rudolf Otto, *a religião começa por si mesma*. É este o ponto de partida desta posição teórica: a autonomia absoluta da religião enquanto fenómeno. Isto é, existe uma experiência germinal, inicial, que está na base dos fenómenos espirituais e religiosos; esta experiência vale por si só, é a *Erlebnis*, a experiência vivida, fonte de onde brotaram todas as religiões positivas.

Participando inevitavelmente nesse longo devir do fenómeno religioso até ao momento presente, o cientista não pode explicar o fenómeno num quadro causal, mas sim compreender as suas características nesse longo processo, e as vivências respectivas. Desta aferição sobre o sentido da disciplina, a ciência resultante que se dedica ao estudo científico das religiões não tem como objecto ou finalidade a justificação da fé: enquanto objecto de estudo, a religião é tida como um fenómeno humano, como qualquer outra produção ou vivenciação cultural e mental, que não compreende nem a apologia, nem a refutação: qualquer fenómeno religioso é vivido e, como tal, é digno de todo o respeito que o investigador cientificamente formado deve dar a todos os seus objectos de estudo.

Posteriormente, criada a disciplina, desenvolveu-se em quase a totalidade do chamado mundo ocidental, de forma autónoma, o estudo científico das religiões, centrado ou na Antropologia, na História, na Sociologia ou na Linguística.

Os universos onde encontramos estes estudos variam desde faculdades e universidades públicas, até instituições idênticas pertencentes ou ligadas a grupos religiosos (aqui, o franco desenvolvimento encontra-se nos meios protestantes).

Passando para a actualidade, em meados dos anos noventa, pela mão de Charles Marie-Ternes, foi lançado um centro de estudos transeuropeu com o fim de fazer face às necessidades actuais do estudo sistemático e consistente das religiões (tratam-se de fenómenos antigos, ou actuais). Esta instituição recebeu o nome EurAssoc – Association Européenne pour l'Étude Scientifique des Religions, e está sediada em Bruxelas.

Em 1998 foi criado o CoGREE – Coordinating Group for Religious Education in Europe. Este grupo de reflexão reúne duas vezes por ano e já publicou obras essenciais no campo que aqui nos trás, nomeadamente o volume *Committed to Europe's Future: Contributions from Education and Religious Education*, editado por Peter Schreiner, Hans Spinder, Jeremy Taylor e Wim Westerman (Comenius-Institut, Munique, 2002).

Especificamente sobre a reflexão do lugar e dos métodos sobre o ensino das religiões na escola, nos últimos anos surgiram várias publicações universitárias. Citemos apenas o *International Journal of Education and Religion*, dirigido por Chris Hermans, com o primeiro volume publicado em 2000, e o *Teaching Theology & Religion*, publicado pela conhecida casa editora Blackwell de Londres, dirigida por Raymond Williams. Muitas outras publicações têm editado números especiais sobre a temática, como a *Propuesta Educativa* da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, que no seu número 22, de Junho de 2000, se centra no *dossier* «Religión y educación».

O que de essencial se deve reter deste longo fenómeno no tempo, que é o nascimento e a maturação de uma área científica autónoma é, em especial, a sua libertação dos constrangimentos religiosos, de fé, que sobre os seus investigadores poderiam recair.

Neste caso, o paralelo com as Ciências da Educação torna-se aliciante e rico em termos comparatistas. Não só esta disciplina também teve de optar entre o singular e o plural nos dois vocábulos que lhe dão nome (Ciência/Ciências da Educação), como teve de gerir a relação e a herança de um campo de saber muito próximo, a Pedagogia.

Seguindo a ideia de Mazzoti para a Pedagogia (MAZZOTI 1996, p. 14), aplicando-a à Ciência das Religiões, poderíamos tomar a Teologia como *a condição reflexiva da prática*. A grande diferença e problema nesta aparentemente idêntica comparação que se poderia fazer em volta da Pedagogia/Teologia e Ciências da Educação/Ciência das Religiões, é que, procurando-se um estatuto científico para a Pedagogia, parte-se da ideia base de que ela, a Pedagogia, seria, assim, uma ciência da prática educativa, a tal *condição reflexiva da prática* – ora, a Teologia nunca poderia ter tal papel e lugar em relação a uma Ciência das Religiões.

Mediante a caracterização anterior, duas reflexões nos parecem importantes:

- a) A grande diferença face ao «estudo científico das religiões» radica no princípio de criação da própria disciplina. Se as Ciências da Educação se

afirmaram enquanto herdeiras, pelo menos em parte e no sentido histórico, da Pedagogia, a necessidade do estudo científico das religiões entra, não poucas vezes, em ruptura clara e necessária com as tradições religiosas. Isto é, o carácter científico de uma disciplina que estude o fenómeno religioso existe na exacta medida em que não está ligada, epistemologicamente, a nenhum grupo religioso. Passando ao plano do investigador, o *Cientista das Religiões* pode ser crente, mas isso não pode afectar a sua prática científica; a sua formação teológica pode enriquecer o seu pensamento, mas a sua produção científica deve afastar-se da Teologia. Ao invés, o *Cientista da Educação* não perde nada com a sua formação pedagógica, antes pelo contrário;

b) Noutro sentido, a Teologia articula-se, a nível da efectivação das crenças e dos cultos, com a fé. A teologia é, assim, um campo de criação de conhecimento, numa lógica e com um objecto muito próprio, mas ela não é necessariamente *a condição reflexiva da prática*. Tal papel é muito mais desempenhado, pelo menos no mundo católico, pela fé, nas suas várias dimensões, grandemente desenraizada de qualquer reflexão teológica, que pela Teologia.

Isto é, a Ciência das Religiões, o estudo científico das religiões, é um saber autónomo da própria fé que enquadra a vivência dos próprios investigadores.

Bibliografia sumária

- CARUSO, Marcelo, «Vidas paralelas? Religión y educación: un campo de investigación y debate», in *Propuesta Educativa* (22, Junho 2000), pp. 4-11.
- DUMÉZIL, Georges, *Myth et Épopée: l'ideologie des trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens*, Paris: Gallimard, 1968.
- FILORAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo, *As Ciências das Religiões*, São Paulo: Paulus, 1999.
- LÉVÊQUE, Pierre, *Introduction aux premières religions*, Paris: Lib. Générale Française, 1997.
- MAZZOTI, Tarso Bonilha – «Estatuto da cientificidade da Pedagogia», in Sela Garrido PIMENTA, organização, *Pedagogia, Ciência da Educação?*, São Paulo: Cortez Editora, 1996, pp. 13-37.
- MÜLLER, M. Max, *La Science de la Religion*, Paris: Librairie Germer Baillière, 1873.
- SEIXAS, José Maria da Cunha, *Princípios Gerais de Filosofia da História*, 1878.
- VALLET, Odon, *Culture religieuse*, Paris: Masson, 1990.